



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virgínio Pires

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

Biblioteca Nacional
Serviço de Depósito Legal
L I S B O A - 2



JANTAR DE HOMENAGEM

No passado domingo, 29 de Maio, realizou-se no Hotel da EVA, em Faro, um jantar de homenagem e despedida ao sr. Dr. Ilídio Fernandes das Neves, que vai deixar por estes dias o cargo de Delegado do I.N.T.P. neste Distrito, lugar que exerceu com grande apuro e dignidade, de modo a grangear gerais simpatias e cuja actividade se desentranhou em grandes benefícios sociais, para ocupar idênticas funções em Santarém. O repasto que reuniu cerca de centena e meia de convidados decorreu com grande elevação constituindo verdadeira afirmação e fé nos destinos da Organização Corporativa. Aos brindes usaram da palavra os srs. Dr. Luís Fernandes, chefe da Missão da Jun-

Continua na 4.ª página

SANTO ANTÓNIO DOS PORTUGUESES



O Milagre de Santo António

SAO nosso jornal à véspera do dia do grande Santo, ocasião em que o seu nome anda em todas as bocas, a sua imagem em todos os oratórios e igrejas se enfeitava de flores e o seu culto se acende em todos os corações.

Os bilhetes enrolados no copo de água, as alcachofras enfarruscadas tristemente, buscando no apego à existência recursos para segunda floração, os marotos dos perfumados mangericos regados e amimados em vasinhos de barro poroso e vermelho como os corações em horas de vida intensa, o inocente alecrim imolado nos altares do fogo, as sortes e feitiços, qual delas e deles mais imaginosos, inflamam em Portugal, de lés-a-lés, o interesse do povo, especialmente os corações juvenis junto de quem o Santo sobreleva em concor-

(Continua na 4.ª página)

A T.A.P. Comemorou o seu 13.º ANIVERSÁRIO

Os 39 funcionários da Delegação de Faro da TAP comemoraram o 13.º aniversário da nossa principal companhia de aviação, no passado dia 1 de Junho.

De manhã, reuniram-se na Sé Catedral, onde ouviram missa celebrada pelo rev. cônego dr. Henrique, pelas almas dos funcionários falecidos.

À noite, participaram num jantar, no Hotel EVA, juntamente com alguns convidados — entidader oficiais, funcionários do Aeroporto e jornalistas.

Na mesa principal viam-se, além do sr. Delegado da TAP os srs. Governador Civil, presidente do município, director da Alfândega do Aeroporto, prior da Sé, presidente da Junta Distrital, director do Aeroporto, presidente da Comissão de Turismo e eng. dos Serviços Municipalizados.

O sr. Celestino Matos Domingues, delegado da TAP, realçou o contributo da TAP durante quase um ano, para o desenvolvimento turístico do

Continua na 4.ª página

DEVAGAR QUE TENHO PRESSA

LENTA mas seguramente a nossa Organização Corporativa, iniciada há trinta e três anos, vem firmando os seus pedestais nos diversos sectores em que actua, como sejam o do trabalho, o da assistência e o da previdência, numa prova em que o velho ditado que encima este modesto artigo — devagar que tenho pressa — é como todos os que nos chegam da sabedoria popular, o único caminho a seguir.

TROVA

O cravo que me ofreceste
Para o benzer do demónio,
No dia em que tu mo deste
Fui levá-lo a Santo António.

V. P.

Com efeito, como o salientou o sr. prof. dr. Gonçalves de Proença, no discurso que proferiu no dia em que foi cumprimentado pelos funcionários superiores do seu Ministério por ter completado cinco anos à frente da pasta das Corporações e Previdências Social, «alterar estruturas sócio-económicas não é tarefa fácil que possa ser feita de um momento para o outro, de tal forma essas estruturas estão ligadas à conjuntura económica em que se integram, o que tudo implica um esforço cujos efeitos muitas vezes só vem a produzir-se a longo prazo».

Fica assim explicada a demora que geralmente se verifica na elaboração dos textos legais, nem sempre compreendida por aqueles que pensam apenas que é preciso realizar, como e com

(Continua na 4.ª página)

Os Lusíadas de Camões

PODERIA bem incorporar-se o dia de Camões entre os dos Santos Populares de Junho. É um nome de veneração tradicional, espontânea, veneração tão antiga e cendrada que pessoas muito simples supõem ser o S. Camões, dia santo «de guarda»

Se lhes perguntarmos quem foi Camões, naturalmente não sabem senão que lhe faltava uma vista, perdida em combate, quando andava a defender a pátria. Conhecem também dum modo vago o seu ícon, com as barbas e a coroa de

(Continua na 4.ª página)

O FORAL DA VILA

NO dia 12 do próximo mês de Julho se prefazem 700 anos sobre a data em que El-Rei D. Afonso III deu a Tavira o foral de vila.

Não é pois de estranhar que neste aniversário da tomada aos mouros, se recorde à cidade a data em que foi galardoadá com um privilégio que pela

leis que o rei concedia a qualquer localidade, restringindo ou ampliando as leis gerais, pelo sensato juízo de que as disposições que nuns lugares e casos convém observar, não podem coadunar-se com os interesses de outros.

Estes documentos, cuja natureza variou bastante e que,

As saias e o trânsito

Uma rapariga com umas pernas bonitas, usando as saias dez centímetros ou mais acima do joelho, leva certamente o motorista a olhar e esse momento de distração é suficiente para causar um desastre — afirma Benjamin Kinley, de 59 anos, encarregado da segurança rodoviária em Liverpool.

Kinley acrescenta que vai ser necessário avisar permanentemente os motoristas contra o «novo perigo para o trânsito» que a moda da «mini-saia» apresenta. — (ANI).

MADIEIRAS

SEGUNDO notícias agora publicadas em vários jornais, os japoneses, interessam-se pelas madeiras de Timor e o Conselho de Pesquisas de Recursos Florestais, de todo o Japão, vai enviar uma missão, agora neste mês, àquela nossa Província, em procura de madeiras de teca, acácia, eucaliptos e outras, em que os japoneses julgam ser rica a Ilha.

Dizem ainda que, se a investigação for satisfatória, o Conselho projecta formar uma companhia conjunta com a Corporação de Desenvolvimento Industrial de Portugal.

(Continua na 3.ª página)

O NOSSO JARDIM PÚBLICO



ESTE Verão, o nosso jardim apresenta um aspecto diferente, talvez mais exótico.

À falta de luz suficiente fornecida pelo município aproveitase daquela que lhe darão as esplanadas agora ali existentes. Mas o jardim parece outro. Uns

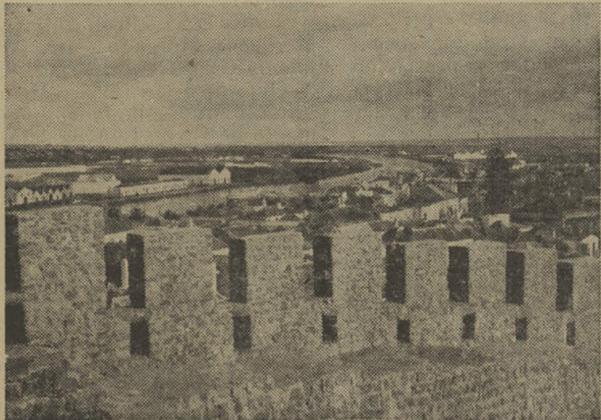
acham-no mais atractivo, outros dizem que perdeu a velha poesia de outrora. O povo é para onde lhe dá. É capaz de censurar o preço dos bilhetes de cinema mas, um quarto de hora depois de uma azeda discussão sobre o assunto, perde horas na bicha, se fôr preciso, para adquirir um bilhete.

Assim aconteceu com a moderna esplanada do jardim público. Muitos fizeram escarcear pelos cafés contra a sua instalação, até segundo nos consta, houve abaixos-assignados e agora, depois da barraca armada, muitos já concordam porque já viram no jardim de Faro e noutras localidades alguns similares.

É assim a opinião pública, muitas vezes volúvel.

Nós que não vimos as de Faro nem as instaladas noutras localidades, temos uma opinião diferente e sem sermos arquitectos nem sequer zeladores municipais, atendendo à pequenez do nosso jardim e aos seus passeios estreitos, só autoriza-

Continua na 4.ª página

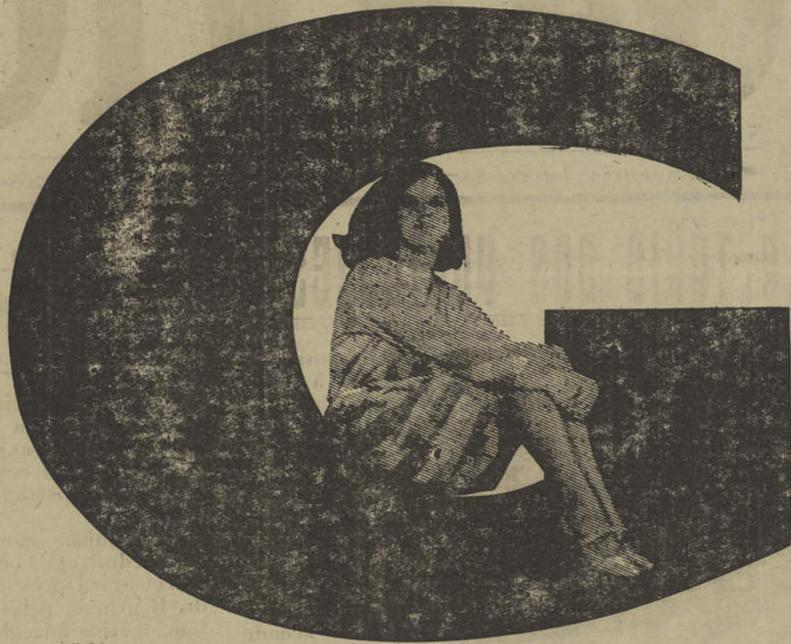


Ameias do Castelo de Tavira, vendo-se ao fundo o Gilão

primeira vez se concedia a uma terra do Algarve, diz Damião de Vasconcelos. Os forais eram um corpo de

com os concelhos, são matéria de eterno debate, classificam-se em antigos novos e novíssimos.

(Continua na 4.ª página)



Gás Mobil

chama e fama

CAMPANHA DOS SANTOS POPULARES



A QUEM FIZER O SEU
CONTRATO, DE 1 A
30 DE JUNHO, OFERTA
DE UMA GARRAFA
DE GÁS MOBIL.

CLICK!

Sai sempre à pressão!

Mobil Oil Portuguesa

PRÉDIO

em Tavira

Vende-se, de rés-do-chão, com um bom quintal, na Rua Dr. Miguel Bombarda n.º 79. Dirigir propostas em carta fechada a Maria João Peres, Rua S. Luís, 22 - 2.º, E. - Faro.

Pensão

TRESPASSA-SE

ótima clientela — bem situada na baixa, frente ao Jardim Largo 1.º de Dezembro, 20 Telef. 53 Portimão

VENDE-SE

Horta da Campina, com cerca de 20 courelas, com ótimo terreno, água abundante tirada a motor, diverso arvoredo de fruto, a 3 quilómetros de Faro, junto à estrada de S. Brás de Alportel.

Acceptam-se propostas em carta fechada dirigidas ao próprio, Anibal Augusto Martins, Rua da Olivença, 10-2.º-dt.º — Almada, até ao dia 10 do próximo mês de Junho, reservando-se o direito de não entregar caso não convenha.

Assinal o «Povo Algarvio»

Informações Fiscais

Obrigações Fiscais durante o mês de Junho:

Contribuição Predial — Está a pagamento, acrescida dos juros de mora, a 2.ª prestação desta contribuição, quando dividida em 4 prestações.

Reclamações — As reclamações referidas nos n.ºs 1 a 12 do artigo 269.º do Código da Contribuição Predial poderão ser apresentadas em qualquer altura, mas só serão consideradas no lançamento seguinte, quando atendidas até 30 do corrente.

ESTE SEMANÁRIO
É TRANSPORTADO
PARA TODO O PAÍS
NOS COMBOIOS DA



Sua Excelência o Totobola

DE modo a dar ao leitor uma ideia do que é sua excelência o Totobola, com quatro anos de concursos entre nós, vamos desenhar em prosa toda a sua grandeza.

Servir-nos-emos do último censo relativo ao 10.º concurso levado a efeito em 14 de Novembro. Pelos números dados, o concurso reuniu nada mais nada menos do que 907 572 boletins.

Claro, que estes 907 572 boletins com as suas dimensões de 14,5 por 21 centímetros, todos ligados, dariam para cobrir o solo numa superfície de cinco quilómetros quadrados, qualquer coisa parecida com a área da cidade de Coimbra, ou um quarto da área da capital.

Utilizando ainda a extensão desses boletins (colados) teríamos um comprimento de 28,590 quilómetros, que nos permitiria igualar as extensões das vias férreas de Lisboa a Cascais, ou de Lisboa a Sintra.

Quanto a apostas, esse número de boletins traduziu a brincadeira de 6 477 000 apostas, ou seja 0,719 de aposta para cada português continental. E mais: dentro de tal média e com 2,876 apostas por cada grupo de quatro pessoas, nós teríamos 2 250 000 fogos disputando a fortuna totobolística de Norte a Sul e de Oeste a Leste.

No aspecto de acumulação de receitas, a Santa Casa da Misericórdia reuniu a importância de 9 715 500\$00, representativa da enormidade de anseios da gente lusitana que, tendo em conta os seus nove milhões de habitantes esteve representada na base de 1\$07 por cabeça.

A despeito da habilitação de 1\$07 por cada português continental, o prémio superou muitos grandes prémios, pois oferecia para cada grupo de «trezes» ou «dozes» 2 234 456\$.

E abrindo um pequeno parêntese, diremos que se bem que a importância de 2 234 contos seja igual ao que se gasta em armamento em 20 segundos (20 segundos, isto mesmo! O tempo que um recordista de nomeada leva para cobrir 200 metros planos) o certo é que para um totalista torná-lo-ia um pequeno rei e para dois ou três fariam um jeitão.

Números...

6 477 000 apostas disputaram 4 469 130\$00 em prémios. Seria natural que com tantos apostadores a coisa constituísse uma espécie de cerco, a que os prémios não se poderiam refutar. Mas assim não sucede por vezes. Procura-se um «treze» entre a montanha de retângulos de papel sem que apareça. E até por vezes os «dozes» escasseiam. Então, sim, vale a pena a «totobolada».

A coisa é mais difícil do que à primeira vista parece. Mais difícil que acertar nos treze, é sermos nós a ganhar.

E todavia as combinações a que o Totobola se presta são em número de 6 227 020 800, as quais não é custoso achar se multiplicarmos:

1 x 1 x 2 x 3 x 4 x 5 x 6 x 7 x 8 x 9 x 10 x 11 x 12 x 13

Se atribuíssemos ao empate um 0, à vitória em casa um 1 e à vitória fora um 2, nós teríamos como número que eleger os felizardos do 10.º concurso:

1 020 111 122 211

Maior número que o de combinações previstas pelo Totobola, sendo 1 a vitória do Barreirense, 0 o empate de Aveiro, etc., etc.

A «lotaria» — chamemos-lhe — é simples, contudo. Treze bolas para treze jogos e temos a «roda» a andar para os treze

resultados. Só nos resta saber os números que essas bolas — numeradas com 0, 1 e 2 — vão eleger...

Claro está que se fossem os números de vezes que as bolas entram nas redes a classificar os felizardos, nós teríamos que classificar nesse domingo entre:

Resultados casa: 410 143 e 3 311 024; Resultados fora: 015 130 e 1 232 210.

No último Totobola, como em todos, a «lotaria» compreendeu 19 horas e 30 minutos de futebol que levou apenas duas horas para se sortear os sete triunfos em casa, dois empates e quatro vitórias fora, em que se fizeram 48 golos, com 27 caseiros e 21 forasteiros.

Portanto, leitor, de futuro já sabe. Jogue pelo fixe. Pode jogar com 5 duplas por 10\$50, 6 por 18\$00, 7 por 24\$00 e 8 por 40\$00. Se pretender triplas arranjam-se baratinhas e caras, desde 3 por 7\$50, 4 por 13\$50, 5 por 40\$50, 6 por 67\$50 até 13 por 165 720\$50.

Claro está que com esta última tripla o leitor preencherá 22 144 boletins, com 177 147 colunas... Paramos aqui para lhe aconselhar uma repartição, a criar para este serviço de modo a tê-lo pronto até às 18 horas de sexta-feira.

Terá ainda a oportunidade de jogar com 1 594 323 apostas e tudo isto para 12 resultados certos pela certa. Mas se falha o outro, o célebre 13.º, não ganha para a luz que gastou nos serões da sua repartição.

A fechar o nosso artigo dir-lhe-emos que jogue sem forçar os acontecimentos. Se perceber, esqueça que percebe de futebol. Deixe falar os que jogam com muito dinheiro. Jogar com muito, não é jogar com 100% das possibilidades. Nos dias em que a fortuna nos pega na mão e nos ajuda a preencher o boletim, até os pastores só com 3\$00 são capazes de ganhar 3 000 contos.

António Augusto Santos

DICIONÁRIO de História de Portugal

(ILUSTRADO)

Continua a publicação de uma das obras mais notáveis dos últimos anos: o *Dicionário de História de Portugal* (Ilustrado) dirigido pelo ensaísta e historiador Dr. Joel Serrão e colaborado por um escol de investigadores e publicistas portugueses da especialidade e de numerosos escritores estrangeiros. O fascículo 42, agora vindo a lume pertence ao 3.º volume e inicia a letra «N».

Magnificamente ilustrado como os anteriores, este fascículo inclui, entre outros, os seguintes artigos de altíssima categoria:

Moniz, Egas - Prof. Oliveira Marques; Morgado - Dr. Armando Castro; Mortuárias - P.º Avelino de Jesus Costa; Mota, António da e Munique, Regimento de - Prof. Luís de Albuquerque; Mouras - Dr. M. Viegas Guerreiro; Mudijas, Arte - Dr. Adriano de Gusmão; Música e Músicos - Maestro Fernando Lopes Graça; Napier, Carlos - Dr. António Alvaro Dória; Nasoni, Nicolau - Dr. A. Betâmio de Almeida; Nau e Náutica - Prof. Luís de Albuquerque; Neo-classicismo - Prof. Pais da Silva; Neolítico - Prof. Maluques de Mottes; Neves, José Acúrsio das - Dr. José Tengarrinha.

O *Dicionário de História de Portugal* (Ilustrado) é uma publicação de Iniciativas Editoriais, Avenida Rio de Janeiro, 6 s/c, Tel. 724051 - Lisboa.

Dos Livros

Varatojo Conta-lhe
de Artur Varatojo

O Dr. Artur Varatojo é talvez um dos mais conhecidos escritores portugueses dos nossos dias, não apenas pelas suas várias antologias mas sobretudo, pelo facto de dirigir e apresentar o programa de maior êxito e audiência na nossa televisão, o programa do «inspector» Varatojo. Daí o ser escusada a sua apresentação.

O mesmo não sucede, porém, com o livro que a Livraria Clássica Editora acaba de publicar, que nos merece uma referência especial, pois através dele e pela primeira vez, o Autor se apresenta num género literário totalmente diferente do que lhe é habitual.

Na realidade, Varatojo, abandonando a literatura policial, proporciona agora aos leitores, em páginas cheias de interesse, de estilo simples e admirável, uma série de crónicas vividas que, pelo seu alto sentido humano, são riquíssimas de ensinamentos e reflectem bem o profundo espírito de observação e o aguçado sentido crítico de quem as escreveu.

Por tudo isto recomendamos a leitura deste pequeno volume que nos prende da primeira à última página.

Os Pescadores
de Raul Brandão

Entre os escritores portugueses, Raul Brandão ocupa, pelo carácter da sua obra, pelos processos narrativos que utilizou, pela veemência apaixonada do seu estilo, um lugar que, sem exagero, poderemos considerar único. Certos livros seus surgem na produção literária nacional com o seu quê de inesperado e insólito: é o caso de *Húmus*, por exemplo, carregado de tragédia e de protesto.

Mas a outra face de Raul Brandão, a do homem que vota à natureza um amor quase panteísta, a do escritor que se exprime em termos de luz, de movimento — essa não se evidenciou nunca tão completamente como em *Os Pescadores*. É um livro donde se sai de alma lavada e confiante, com os olhos cheios da beleza da paisagem que talvez ninguém tenha amado tanto como Raul Brandão. E essa presença constante e rumorosa: o mar.

(Editorial Estúdios Cor, 221 páginas, 30\$00.

Era da Jamaica...

Lily Perdica, jovem da Jamaica, tinha sido prevenida contra os romances franceses. Por isso, quando entrou no metropolitano de Paris e um homem se lhe dirigiu, apressou-se a esbofetear-lo: não compreendia uma só palavra de francês, mas sabia que era preciso defender-se dos homens que se aproximavam.

Na seguinte paragem do metropolitano entrou um polícia na carruagem e pôs-lhe a mão no braço. Era demais. Até as autoridades se metiam com as pobres raparigas. E também o guarda levou um par de bofetadas.

Porém, o primeiro homem que se havia aproximado era um empregado da companhia que tentara apenas explicar-lhe que ela tinha um bilhete de segunda classe e entrara numa carruagem de primeira. O polícia que lhe pôs a mão no braço queria dizer-lhe, só, que estava detida por ter agredido um funcionário no cumprimento da sua missão. Lily Perdica foi levada à barra do tribunal e condenada a um mês de prisão com a pena suspensa. Apesar de explicar o seu equívoco, o juiz considerou que as suas reacções foram imprópriamente violentas. (ANI)

Livros e Revistas

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira - Brasil — Publicou-se o tomo 8 desta obra magistral, a maior que até hoje viu a luz da publicidade entre nós.

Ciência e Técnica Fiscal — Recebemos o boletim n.º 86, da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, cujo sumário é constituído por estudos, documentos, jurisprudência, resoluções administrativas, etc., assuntos de grande interesse para os que estão ligados à vida fiscal.

ASSINE O JORNAL DA SUA TERRA

José Osório de Oliveira
«Palavras ao Vento»

Ed. Sociedade de Expansão Cultural

Sempre se apresentou espinhoso o encargo da crítica. Para este caso, o encargo da crítica literária. São chamados a depor conhecimentos amplos e variados, a quem prima por completa falência de erudição, e por vértices, arestas e faces apenas devassa os efeitos dum policromismo que do trabalho do autor dimana, abstraído preferências e pondo em equação uma análise condutora a juízos equitativos e certos.

Criticar um débil escritor que, emocionado e esperançoso, nos entrega o seu livro, converte-se em motivo de aflição intelectual. Dizer-lhe a verdade é atingi-lo no seu mais caro sonho, afligindo-o para além do quinau que o público marcará; e não se pode cooperar no erro nem fugir à obrigação de lhe mostrar que trilha caminho errado.

Criticar um consagrado não passa de pleonismo pois nos sentimos impelidos ao elogio, lugar comum a que necessariamente conduz o deleite espiritual e a admiração, colhida na leitura e, para além da mesma, na divagação que proporciona.

José Osório de Oliveira, por este seu trabalho e pela obra meritória e bela que tem edificado no decorrer da sua afanosa e profícua carreira literária, tem certamente experimentado momentos de satisfação de espírito nos louros colhidos da crítica mais exigente e, com razão, da mesma tem recebido e merece o maior êxito.

Aqui lho acrescentamos, não com palavras rebuscadas ou pomposas que essas atiram aos prepotentes para salvar as canelas ou aos desprotegidos das Musas, como prémio de consolação.

Pelas suas «Palavras ao Vento», palavras de encantamento ao vento do Espírito, o cronista tornou-se digno dum louvor sincero e justo, atributos muito raros nos bastos elogios que correm mundo.

Não nos resta mais que apresentar a novidade literária firmada pelo punho do crítico, ensaísta e poeta José Osório de Oliveira, a quem a cultura portuguesa e brasileira tanto devem. Tanto devem!

Não cabem nas colunas do jornal, numa vez só, tantas e tantas digressões de espírito que estas delicadas crónicas suscitam, cada uma delas vindo aportar, de regresso, ao título, pensamento que lhe animou o manso deslizar através duma paisagem pintada de interioridade serena e afectiva, como essa que, segundo a esperança que nos é comum, encontraremos para além do mundo da matéria.

Queríamos pôr aqui o título de alguma crónica preferida, por exemplo: «Prédio desabitado», pela densidade de angústia que os maiores escritores não ultrapassam. A nossa lusitanidade, contudo, triunfa de todos os arroubos literários e intelectuais para preferir a «Colher» que só passará despercebida a quem não provou a saudade da casa. Não a transcrevemos nas colunas do jornal mas em colunas de bronze, se nos fora dado, o fariamos.

Tóto — uma visita a casa do Príncipe de Bizâncio

Um correspondente da «Flama» visitou a casa de Tóto, o actor que é príncipe e a reportagem que a revista publica neste número é, sem dúvida, um documento que encantarà todos os admiradores do artista.

Outras reportagens neste número: «Flora e Eusébio»: somos felizes e entrevista com Otto Glória.

Na capa: Eusébio e Flora.

NITRAPOR



É o primeiro complexo binário português fabricado exclusivamente por

NITRATOS DE PORTUGAL

que também produzem

NITROLUSAL E NITRATO DE CALCIO

Com o uso deste complexo pode aumentar extraordinariamente a saúde, *quantidade e qualidade* das culturas de:

CEREAIS, BATATA, BETERRABA, TOMATE E LEGUMINOSAS

É de efeitos surpreendentes nos tomates, nas vinhas, pomares e oliveiras. É um pouco mais caro mas vale a pena utilizar-se. Confronte com outros adubos

Não poupe nos Adubos

Madeirasas Timorenses

(Continuação da 1.ª página)

ziam quando da ocupação. E até o sândalo, que não servia para tais obras, também muito sofreu durante essa época.

Há pois ricas madeiras em Timor, e desde o sândalo, que deve ter dado origem à chegada ali dos primeiros portugueses, até ao eucalipto, que ali se denomina de palavão, as florestas abundam em vários locais.

Quando havia muito sândalo, isto antes da ocupação daquela nossa Província, pelos nipónicos, os naturais com eles faziam estilos, (cerimónias gentílicas) queimando-os, isto como outrora nos altares, ele era igualmente queimado para os perfumar. Já Camões dizia, referindo-se a Timor:

Ali também Timor, que o lenho manda / Sândalo salutar e cheiroso.

Durante a estadia dos nipónicos em Timor, não só estes, mas também os naturais, deram grande razia às árvores do sândalo. Hoje estas árvores têm a protecção das autoridades e fazem-se delas grandes plantações. Os timorenses chamam ao sândalo, ai-cameli.

Quando nos dirigimos para a montanha, isto depois dos 600 metros de altitude, vamos encontrar o pau-rosa, que apresenta uma escala de cores, do mais claro ao mais escuro e cujas flores, na época própria enchem o espaço de perfume que nos é imensamente grato ao olfacto.

Temos depois o mogno, que para o timor é ai-saria ou ai-ró. É desta madeira que o timorense constrói as quilhas dos seus beiros, (barcos) escavan-

do sempre até deixar uma espécie de vão, no qual se mete para percorrer os ribeiros ou o mar.

Aparece depois nas terras mais altas, ou mais pobres, o eucalipto branco ou preto, e que como já se disse é denominado pelo timor de palavão. A mor parte das montanhas daquela nossa Província são revestidas por esta árvore e algumas chegam a ter mais de 80 metros de altura.

Há também a casuarina, que gostando muito das águas se dá nas margens das ribeiras ou em locais onde há veios de água. Perto de Maubara, na Ribeira de Lois, há forte mata destas árvores.

O pau-ferro é árvore que aparece nas grandes planícies, mormente na Costa Sul. O timor chama-lhe ai-tiris.

O pau-violeta ou ai-duga, é uma das árvores que serve para dar sombra ao caféiro e é também boa madeira. Temos ainda o tamarindo e o sissó, que na Índia têm mais valor que a teca. Tecas, há poucas, embora já em tempos se tivesse feito uma forte plantação, mas que não foi devidamente protegida, quer das intempéries, quer das queimadas feitas pelos naturais.

Os australianos, que também conhecem bem Timor, já ali tiveram uma sociedade, que cortava e exportava eucaliptos, para a Austrália, para servirem de chulipas para as vias férreas.

Não há dúvida que Timor, tendo madeiras que não utiliza, as deve exportar, pois quem não exporta não pode viver. Isto é dos códigos.

No entanto é necessário dearmos apontado, que os japoneses, que hoje devem ser bons rapazes, se introduziram em Timor, vários anos antes da última grande guerra, nessa altura interessados nos cafés, e que quando fizeram a invasão, nas primeiras tropas, vinham muitos dos que haviam passado por Timor, quer como engenheiros, quer como encarregados disto ou daquilo. E não só os naturais de Timor, mas também os continentais, procuravam-lhes se já não eram engenheiros. E os nipónicos respondiam: é a guerra amigos, o Micado manda, nós obedecemos.

Deus queira pois, que para bem da economia nacional, as madeiras de Timor agradem àqueles técnicos e que as exportações se façam em grande escala e que o povo timorense esqueça as ofensas que recebeu durante os vários anos que esteve debaixo do jugo nipon.

José Rebelo

Grupo Columbófilo Cabanense

Resultado da solta do passado domingo — Casa Branca, 162 kms.: 1.º 2.º e 7.º, Zacarias Chagas; 3.º, Joaquim Portugal; 4.º e 5.º, José Chagas; 6.º, Arnaldo; 8.º, José Manuel Trinta; 9.º, José Augusto e 10.º, Aurélio do Nascimento.

António José da Costa Pires
A Instalação do Moderno Pomar
Colecção Educativa — Série N — N.º 17, Ministério da Educação Nacional, Direcção-Geral do Ensino Primário

É o autor deste volume um Távirense que se tem distinguido pelos seus dotes de inteligência e pelo entusiasmo com que procura servir o País, ensinando e fomentando uma riqueza que vale a pena explorar: a Fruticultura.

Desde as razões que devem presidir à criação e composição dum pomar, desde os trabalhos preparatórios do terreno e das árvores, até aos cuidados a dispensar-lhes na infância e ao produto que poderemos obter segundo a espécie escolhida, tudo fiel e explicitamente se encontra explicado nesta pequena didáctica frutícola, para maior clareza subsidiada pelos desenhos de Irene Gonçalves Paulo Costa Pires e para melhor apresentação encerrada numa capa de António Manuel da Silva Rocha.

Aos agricultores prestou a Direcção Geral do Ensino Primário um relevante serviço, com a presente edição.

CARLOS BRANCO

Perspectivas Sociais da Empresa — 5 ensaios sobre relações humanas na indústria — Edição da Junta de Acção Social

Evolução da Empresa e Espírito de Colaboração = Introdução à Problemática das Relações Humanas na Indústria — Evolução dos Estudos sobre a Relação moral — Produtividade — Oligões de colaboração na Empresa — Problemas Humanos da Empresa e a Educação

Estes os títulos dos cinco ensaios que o Autor versa neste trabalho e no desenvolvimento dos quais demonstra os seus superiores conhecimentos em matéria tão difícil e complexa como esta, de associar e conseguir que trabalhem interessadamente para um fim comum, criaturas que, pela sua estrutura psíquica muito vez tanto diferem e que para a aquisição dos meios de subsistência se vêem coagidos a trabalhar em comunidade.

Há muitas dezenas de anos que se luta para elevar o nível social do operário, para o dignificar, educar e instruir, fornecendo-lhe facilidades para conscientemente ocupar a situação que merece ter no meio social moderno. Esta obra constitui, pois, uma a-chega para a solução do problema, estudando a metafísica do trabalho na época actual e ao autor daqui felicitamos pelas perspectivas que oferece de congregar o social com o humano.

Variedade de laranja

Dentre as variedades de laranjeiras cultivadas entre nós uma das que apresenta características mais recomendáveis é a Jaffa, conhecida também em algumas regiões nomeadamente em Coimbra, pelo nome de Moscatel e noutras, como no Algarve, pelo de Valenciana. Nalguns locais do Ribatejo é designada por Selecta, nome que aliás corresponde na realidade a uma outra variedade muito difundida nos Açores e que não tem qualquer semelhança com esta. Apesar da acentuada alternância da sua produção, a laranjeira Jaffa tem muito interesse, pois a excelente qualidade dos seus frutos, oblongos, de tamanho médio, com poucas ou nenhuma sementes, de casca geralmente fina e de bom poder de conservação na árvore, garante-lhe cotações normalmente elevadas.

VENDE-SE

Um armazém de salga de peixe, uma morada de casas na Rua Dr. Parreira n.º 118 e 120 em Tavira e uma courela de terra de semear com árvores, em Santa Margarida, junto à variante da Estrada Nacional, em Tavira.

Tratar com João Rodrigues Torres Mendes, funcionário de finanças, em Olhão.

CASA Raposo

Fornece Caldeiradas e Sardinhas Assadas Viveiros de Mariscos próprios, Lagostas, etc.

Cada Cliente um Amigo

PRAIA DA MARETA SAGRES

HOTEL VASCO DA GAMA

MONTE GORDO

ABERTO TODO O ANO

1.ª CLASSE-A — 200 QUARTOS

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

Telef. 321 - 322 - 323 VILA REAL DE SANTO ANTONIO

J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um esculpido fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13 APARTADO 13

Afirmações talvez confusas...

Afirmar eu, outro dia, que o comandante Cabeçadas mandara apontar e descarregar as peças de 20 do navio «Vasco da Gama», sobre Lisboa, contra o governo democrático da Presidência do Dr. Manuel Teixeira Gomes Talvez alguém supusesse, ao ler o meu escrito que eu me aproveitara do momento das comemorações do Aniversário do 28 de Maio, para ferir desalmadamente os democratas portugueses. Mas, não! Após a acção bélica do «Vasco da Gama», que ficou com os seus vidros estilhaçados, tendo o comandante vociferando lá do alto da Ponte do Comando: — Rendo-me num país de cobardes! No entanto, nada disse ao ver a marinhagem ser levada a enfiar no Forte de S. Julião da Barra! Pouco tempo depois ele era promovido à classe imediata!

Porém, já ninguém se recorda do que aconteceu logo após este movimento revolucionário?

Eu recordar-vos-ei: O sr. General Carmona, na companhia de alguns camaradas dirigiu-se à Presidência da República, a apresentar os seus protestos ao Dr. Manuel Teixeira Gomes Este, depois dos respectivos agradecimentos, manifestou-lhes o seu pessoal parecer, futurando os destinos políticos da Nação

Reconhecendo a impossibilidade de orientar a vida moral e material do País, onde a ignomínia espreitava a cada esquina, disse-lhes:

— Só V. Ex.^{as}, os militares, numa ditadura honesta, poderão salvar Portugal!

E assim se formou a ideia de um grande Movimento Revolucionário, partindo de todos os quartéis, com o fim de libertar a Nação da vergonha!

E porque razão procedeu assim o Dr. Teixeira Gomes?

Porque ele, de facto, reconheceu que a Pátria estava doente!

Toda a gente «mandava» no país a seu belo prazer. Lisboa comia o pão a preços mais baratos do que as restantes povoações, porque as «massas» da capital eram temidas. E estes «liberais» de ocasião não se importavam com os sofrimentos dos seus restantes compatriotas! Mas, eles, proletários e governantes, todos juntos, lá iam pregando o «balcão» a pataco...

No estrangeiro já não aceitavam o nosso dinheiro-papel, porque ninguém depositava confiança na firmeza dos governos nem no valor do seu dinheiro! Foi por tal razão que os nossos navios de guerra ou mercantes não conseguiram comprar carvão, etc., nos portos estrangeiros!

A situação era aviltante e imenso negra!

Uma outra afirmação eu fiz: «...Um homem apareceu, em dado momento, a salvar o País da derrocada — Salazar!»

Eu só afirmo verdades! Se não fosse Salazar o que seria de Portugal? Quem nos respeitaria?

Sem moral e sem dinheiro, alguém pode erguer o seu rosto desafiadamente?

Há erros nesta enorme e pesada acção? Quem está livre de erros? Podemos, como aquele filósofo grego, percorrer a vida e o mundo, de lanterna acesa, em pleno dia, em busca do homem sem erros, que ninguém o encontrará!...

Num livro que estou preparando, «A Reabilitação do Remexido», eu aponto o seguinte:

«D. Miguel foi o chefe do movimento absolutista; Remexido apenas comandante de guerrilheiros. Os seus soldados praticaram acções criminosas sem seu conhecimento e ordenação, mas foi Remexido quem respondeu por tais crimes, sofrendo por eles a pena capital! E, no entanto, Remexido mandara fuzilar um dos seus guerrilheiros por ele ter fuzilado um oficial liberal pelas costas, dizendo que ele tinha sido morto em combate!»

Se acaso há alguns erros praticados por alguns maus colaboradores do actual governo, as culpas têm de recair em Salazar, só porque ele é o chefe do Governo?

Não... isso seria injusto! Há uma coisa que antedejo... é o seguinte:

Quando algum dia Salazar abalar desta vida, do seio de uma sociedade, que sempre tem «pago com ingratidão os sacrifícios feitos em seu próprio benefício», como muito bem dizia o meu saudoso pai, só então todos os portugueses, entregues ao seu desespero, e aos efeitos da sua desmedida incompetência política e moralizadora, saberão avaliar o grande homem que foi Salazar.

Manuel Geraldo

O FORAL da VILA

(Continuação da 1.ª página)

O primeiro foral antigo foi concedido por D. Henrique a Constantim de Panoias. São contados com esta designação até D. Manuel que reformou os forais antigos e concedeu forais novos (Tavira beneficiou desta concessão). Os forais novíssimos são raros, um pouco inadequados já às instituições e datam do séc. XVII em que a lei se generalizou.

O foral de Tavira acha-se consignado no Livro 1.º de D. Afonso III, fl. 97 v. da Torre do Tombo, segundo a informação de Damião de Vasconcelos.

Seria longo de transcrever neste número do jornal.

O Rei, sua mulher e filhos «fazem carta de foro aos moradores de Tavira», tomando como modelo a que já haviam outorgado à cidade de Lisboa. Nomeiam-se concessões e reservas em matéria de bens e direitos, sem grande preocupação no modo de redigir com ordem. As omissões serão reguladas pelo documento congénere doado a Lisboa e «do mesmo modo como está expresso na supra dita carta de foro de Silves», o que nos traz a ideia de contrariar a informação que cita o foral de Tavira como o primeiro do Algarve.

Queremos crer que, muito dada a salientar o relevo destes e outros acontecimentos de ordem cívica e cultural, a cidade não esquecerá de encarregar pessoas competentes de instruírem a comunidade no alcance do facto que a próxima data da centúria referida conduz à oportunidade.

Pela nossa parte e em sua memória, desejaríamos somente impetrar o privilégio dum feriado concelhio na data da reconquista cristã, tal como acontecia há não muitos anos. Junto ao feriado de Camões, o feriado da cidade formaria uma pequena pausa refrescante para o espírito de todos os que levam a cruz dum trabalho contínuo, enervante e sempre igual, deixando-os mais desafogados e revigorados para a tarefa exaustiva a que só a velhice e a doença dão tréguas.

A T. A. P.

Comemorou o seu 13.º Aniversário

(Continuação da 1.ª página)

Algarve, tendo o sr. Governador Civil, em resposta, dito do seu agrado por estar presente naquela comemoração e da vantagem da «ponte aérea», que ligava Faro à capital, e realçada a contribuição da TAP para tornar o Algarve conhecido por inúmeros visitantes.

Camões

(Continuação da 1.ª página)

louros que o Original nunca viu pois, em novo, os companheiros de estúrdia não teriam lembrado ofertar-lhe tal distinção e depois do regresso à Pátria, achacado e prematuramente envelhecido não lhe ficava bem o adorno.

Foi talvez a vida aventureira do Poeta o que ganhou foros de celebridade junto do povo. Aventuras, genesosidade, grandeza de ânimo, desdita, mais que o génio literário e o famoso repositório de cultura que a sua obra máxima revela criaram aquele Camões quase lendário que os seus patricios elevaram ao prestígio dum S. Camões.

Tudo na sua vida é incerto e lendário pela escassez de fontes de informação segura, acerca da biografia dum existência tão agitada como a do Vate, prototipo dos portugueses do seu século, que se deram ao estudo, à guerra, aos amores volúveis e viagens ao Oriente.

Mesmo o nome com que o poema corre mundo em edições numerosíssimas, baratas, caras, caprichosas, requintadas, tem sido motivo de debates sem fim.

Quem são e porque são os Lusíadas? Donde surgiu a palavra?

O ilustre camonista Dr. José Maria Rodrigues averiguou que o termo Lusíadas foi pela primeira vez empregado por Jorge Coelho que o usou por escrito. A. Brancamp descobriu que em 1531 (supõe-se Camões ter nascido em 1524) já este nome corria mundo.

Lusíadas parece que eram efectivamente os filhos de Luso, herói mitológico.

Tomamos o vocábulo por sinónimo de Lusitanos, gente de épocas recuadas e bárbaras, de quem temos honra e fama de descender: «Ai do lusíada, coitado!» — diz A. Nobre.

O que significa a palavra Lusíadas, não o perguntem ao povo. O que está escrito no poema também não saberá dizer, mas muito mais gente inculca que o que se pensa irá buscar ao cacifo de sobre a cantareira, à mistura com as antiquíssimas histórias de cordel e o livro das benzeduras, o folheto «Os Lusíadas» em edição popularíssima, e guarda um pouco religiosamente o seu S. Camões, com o respeito que as almas pueris consagram às coisas misteriosas e grandes.

Este ano, o Dia de Corpo de Deus caiu junto do feriado de Camões, o que traz à lembrança os trabalhos que o Poeta passou pela estocada que ofereceu a um cavaleiro de D. João III, na procissão de Corpus Christi e que lhe valeu fundos dissabores que bem puderam ajudar a decisão do embarque para a Índia, lugar de desterro e mágoas, cantadas em famosas redondilhas.



Santo Estêvão

Rancho Folclórico — Já o Centro de Informação e Turismo de Angola havia radiofundido a notícia agora confirmada pelo ofício emanado da Casa do Lobito naquela província ultramarina, a convidar o famoso rancho folclórico da Casa do Povo de Santo Estêvão a estudar as suas possibilidades de deslocação em Setembro do corrente ano a fim de realizar ali diversas exposições para os soldados que em defesa da Pátria lá se encontram.

Embora as possibilidades de deslocação do referido grupo careçam ainda da sua concretização, o digníssimo convite é já na sua essência um verdadeiro triunfo, o qual demonstra incontestavelmente o valor e a capacidade do Rancho da Casa do Povo de Santo Estêvão, não só na Metrópole como também no Ultramar.

Agora mais cinco exposições sendo, uma no dia 11 do corrente em Faro, 12 em Monte Gordo, 23 em Olhão, 24 em Tavira (Quatro Águas), e 26 também em Monte Gordo.

Parabéns ao sr. Ventura Fernandes Marques seu digno director e à Casa do Povo de Santo Estêvão. — C.

12 DE JUNHO

Santo António dos Portugueses

(Continuação da 1.ª página)

rência todos os anúncios e refinadas diplomacias de agentes matrimoniais.

Através da devoção o Santo António, que rico estudo se faz do que foi a vida familiar e social dos nossos avós! Por trás dum série de superstições, dum mundo de amabilidades e esperanças, dum culto ostentoso ou humilde, que de cambiantes e cintilações se nos mostra.

Da vida dos séculos de antanho em que a célula familiar da sociedade portuguesa nos informa de toda a sua estrutura e coesão, comparada com a débil vida íntima das famílias de hoje!

Nos ranchos folclóricos muito bem ensaiados poderá encontrar-se diversões espectaculares, mas que têm eles que ver com o gesto espontâneo do galhardo moço que vai buscar uma rapariga para com ela alegremente dançar a seu bel prazer, e com a graça que ela irradia no bailarico improvisado onde os movimentos nada têm de convencional ou estudado?

Continuam a afluir à igreja da Atalaia as moças devotas do Santo. Mas têm elas ainda ingenuidade bastante para enfiar o dedo na fechadura a ver quantos anos demorarão solteiras, rezarão o responso das coisas perdidas quando o namorado amua, ou o silêncio não caberá na memória das casadas, quando, longe dos maridos, procuram, afanosas e rebarbativas, inquirir da fidelidade dos ausentes?

As velhas imagens de Santo António, ricas, estofadas com arte depois de talhadas a feição, recamadas de ouro e enfaixadas com banda de púrpura, as imagens antigas dos oratórios pobres embelezadas de ingenuidades anatómicas, modeladas no barro, desenhadas ou impressas nos registos de livros, esmaltadas e suspensas dum fio de ouro, entre berloques de filigrana e figas de azeviche, os painéis de cerâmica engastados nas velhas paredes dos antigos conventos, que não têm elas para nos contar, da vida íntima ou social dos portugueses de todas as épocas da história?

Como frade prudente e avisado, Santo António cala os desabaços e desvarios, as súpplicas que atendeu e os sonhos que goraram na casca.

Mas exactamente porque não conta a ninguém os segredos dos seus amigos, porque os não recebe com ar superior ou escarinho, porque não dispara perguntas a torto e a direito e permanece sempre igual, paciente e amável, ternamente sorrindo à criança que tem nos braços como se Ela fosse a imagem de todo o mundo, é que todos se abeiram de Santo António e lhe confiam os mais íntimos desígnios, como ao amigo que nunca falta.

O nosso Jardim Público

(Continuação da 1.ª página)

riamos tal instalação no recinto entre o jardim e o Mercado, onde há espaço suficiente.

Isto sem qualquer intuito de prejudicar o negócio dos seus proprietários e tanto mais que já estão a funcionar mas, nem a dos gelados lá se teria instalado.

Até mesmo para que amanhã algum engraçado não se lembre chamar-lhe o nosso passeio público de «Jardim dos Quiosques...»

Assinal o «Povo Algarvio»

Notícias Pessoais

Fez anos:

Em 7 — Menina Luisa Maria Correia Neto.

Fazem anos:

Hoje — D. Maria José dos Reis Ribeiro, menina Anabela Maria Palmeira Matos, menino Fernando da Cunha Rosário Bomba e os srs. João Eduardo Entrudo Graça e António Pedro.

Em 13 — D. Maria Antónia Gomes Peres, D. Joaquina Maria Gonçalves, Mlle Antónia Garcia Gomes e o sr. António da Conceição Silva.

Em 14 — D. Maria Celiza Pires Bernardo de Matos, menina Maria Manuela Entrudo Viegas e o sr. António Maria Basílio da Silva Modesto.

Em 15 — D. Lídia Soares Lemos, D. Maria Dora Chagas, menina Maria José Fortes Rebelo, menino Carlos Augusto Paulos Costa Pires, João José Gonçalves do Livramento e o sr. António do Nascimento Real.

Em 16 — D. Maria de Lourdes Ribeiro de Sousa Larcher e D. Odete de Jesus Sousa Anica.

Em 17 — D. Maria Lúcia Chagas Cansado, D. Maria do Carmo Torres Leiria Cordeiro Antunes, D. Maria do Livramento Lucas, Mlle Maria Catarina Trindade Madeira Gomes, menina Maria Teresa dos Santos, menino Vitor Manuel da Palma Estrela Santos e Jorge Orlando César de Jesus Romeira.

Em 18 — D. Beatriz de Jesus Ribeiro Coimbra Faleiro, D. Maria Manuela Gomes Peres, menina Angela Maria Beleza Domingues e o sr. Diamantino Cardoso.

Devagar que tenho pressa

(Continuação da 1.ª página)

que resultados, isso não interessa. Ora o necessário é realizar, sim, mas de modo a que que tudo esteja humanamente previsto e ao entrar em vigor qualquer alteração todos os prós e contras estejam pensados e meditados.

Durante o corrente ano, anunciou nessa mesma data o titular da pasta das Corporações e Previdência Social, completará-se à nossa Organização Corporativa com a criação das corporações culturais (da assistência, das ciências, letras e artes e dos desportos e educação física), facto que terá lugar na data jubilar do Estatuto do Trabalho Nacional.

Se recordarmos que durante estes anos o País tem sofrido as consequências dos acontecimentos externos que perturbam o ritmo normal do desenvolvimento da política nacional e mundial podemos, como o salientou o prof. dr. Gonçalves de Proença, agora, «acelerar o passo e ganhar com energia e rapidez o que não pode ser realizado antes».

A sabedoria popular, através dos seus Adágios, ainda continua a ser actual e verdadeira.

Jantar de Homenagem

(Continuação da 1.ª página)

ta da Acção Social, José Gil em representação dos Sindicatos Nacionais, Prof. José Joaquim Gonçalves, pelas Casas do Povo do Distrito, Joaquim Domingos, pelos Grêmios da Indústria, capitão José Nunes da Glória, pela Federação das Casas do Povo, Salvador Gomes Vilarinho, pela Federação dos Grêmios da Lavoura, António Modesto Varela, pelo funcionalismo da Delegação do Comissariado do Desemprego e Dr. João Abel Saraiiva, Meritíssimo Juiz do Tribunal do Trabalho. Todos os oradores foram unânimes em patentear a sua admiração pelos excepcionais dotes de inteligência e de carácter do homenageado e agradecer os benefícios resultantes da sua brilhante actividade para a Política Social no Distrito.

Por fim o sr. Dr. Ilídio Fernandes das Neves agradeceu a homenagem que lhe havia sido prestada, afirmando nada mais ter feito que cumprir o seu dever. Foram-lhe no final entregues algumas lembranças regionais em sinal de reconhecimento.

VENDE-SE

Casa na Rua Almirante Cândido dos Reis, N.º 159, nesta cidade, com a área total de 166,5 m².

Recebem-se propostas no Notariado de Tavira.

NECROLOGIA

Augusto Pereira Neto

Faleceu na sua casa, em Cacela, o sr. Augusto Pereira Neto, natural de Tavira.

O falecido que contava 91 anos de idade, deixa viúva a sr.ª D. Ludovina Garrana Neto, também natural de Tavira. Era pai das sr.ªs Irene Garrana Neto (Carlos, esposa do sr. Vicente Carlos, D. Ludovina Garrana Neto, D. Aline Garrana Neto, D. Maria Isabel Garrana Neto e do sr. Veríssimo Garrana Neto, esposo da sr.ª D. Inês Garrana Neto e avó das sr.ªs Rita Neto Costa Leão, D. Maria Isabel Neto Vicente e do sr. Pedro Neto Vicente.

O seu funeral foi muito concorrido

D. Olimpia Águeda Rodrigues Davim Rodrigues

Faleceu em Faro a sr.ª D. Olimpia Águeda Rodrigues Davim Rodrigues, de 60 anos, natural daquela cidade, casada com o sr. dr. Manuel Rodrigues, filha do falecido poeta e escritor dr. Rodrigues Davim. Era irmã da sr.ª D. Silvina Águeda Rodrigues Davim Lyster Franco, esposa do sr. dr. Mário Lyster Franco, director do nosso prezado colega «Correio do Sul», chefe dos serviços do gabinete para o desenvolvimento turístico do Algarve. A sua morte foi muito sentida, tendo o funeral registado extraordinária concorrência.

As famílias enlutadas e, em particular, ao nosso prezado amigo sr. dr. Mário Lyster Franco, endereçamos sentidos pésames.